



A PRESENÇA FEMININA NOS CURSOS DE ENGENHARIA DA UFPI: UM ESTUDO QUANTITATIVO E QUALITATIVO

FEMALE PRESENCE IN ENGINEERING COURSES AT UFPI: A QUANTITATIVE AND QUALITATIVE STUDY

Thaís Andrade de Sousa¹, Anna Clara de Oliveira Rodrigues², Gabriel Neves dos Santos³, Maria do Socorro Ferreira dos Santos⁴

DOI: 10.37702/REE2236-0158.v42p244-257.2023

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo identificar as dificuldades das mulheres que optam pelos cursos de Engenharia na Universidade Federal do Piauí - UFPI, analisando o tema, averiguando o perfil das discentes, investigando os fatores que influenciam a sua permanência e sondando suas vivências na Engenharia e na comunidade acadêmica do Centro de Tecnologia (CT) da UFPI. Embora existam políticas voltadas para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o número de mulheres na engenharia é inferior à quantidade necessária para alcançar dados mais igualitários. Nesse contexto, o estudo provou a grande disparidade entre homens e mulheres concluintes. Além disso, os relatos das alunas mostraram as dificuldades enfrentadas em sala de aula e na inserção no mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Engenharia; mulheres; desigualdade.

ABSTRACT: This article aims to identify the difficulties of women who opt for engineering courses at the Federal University of Piauí - UFPI, analyzing the theme, verifying the profile of the students, investigating the factors that influence their permanence, probing their experiences in engineering and academic community of the Technology Center (CT) at UFPI. Although there are policies aimed at the insertion of women in the labor market, the number of women in engineering is lower than the number needed to achieve more egalitarian data. In this context, the study proved the great disparity between men and women graduating. In addition, the students' reports showed the difficulties faced in the classroom and in entering the job market.

KEYWORDS: Engineering; women; inequality.

¹ Graduanda em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Piauí, andradethais1911@gmail.com

² Graduanda em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Piauí, annaclaraors@gmail.com

³ Graduado em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Piauí, gns9821@gmail.com

⁴ Professora Dra. na Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, socorroerreira@ufpi.edu.br



INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres sempre foram foco de discriminações e alvo de uma sociedade que se mostra constante e extremamente machista. No Brasil, desde a colonização, as mulheres foram, e ainda são, vistas dessa maneira, reduzidas a objetos e marginalizadas, sendo tirada delas a sua importância na sociedade. Assim, as mulheres, durante anos, foram rebaixadas e reduzidas a um lugar de submissão aos homens e seus parceiros sexuais; além disso, a imagem da mulher associada à situação de escravidão perdurou por bastante tempo, isso em uma época que liberdade significava basicamente ser homem (CNMP, 2018).

Nas áreas das Ciências Exatas, como nas Engenharias e nos cursos tecnológicos que são predominadas por discentes do sexo masculino, não é diferente. Na maioria das vezes, a presença feminina nessas áreas é tratada como uma exceção ímpar, devido exatamente a esse histórico de discriminações, o que limitou e continua limitando a participação da mulher nessas áreas. Não raramente se ouve afirmações tais como “esse curso não é para mulher” e questionamentos sobre a capacidade intelectual das mulheres. Assim, há uma série de argumentos que desconstruem uma vontade, ainda que pequena, das meninas.

Entretanto, apesar dos fatos supracitados, a presença da mulher vem sendo cada vez mais incentivada e nos últimos anos decorreram diversas iniciativas para incentivar o ingresso e a permanência de mulheres nas áreas das engenharias e no mercado de trabalho. A presença de mulheres nos cursos de Engenharia vem aumentando aos poucos: houve um aumento de 8,4% de alunas nas graduações da área em comparação com o ano de 2014. No ano de 2016, o salário médio das engenheiras passou de 70,3% para 79% em relação à remuneração dos homens. Mesmo que esse indicador mostre que essa grande desigualdade de vencimentos entre os profissionais na área ainda persista, é perceptível que essa diferença está diminuindo e que deve ser cada vez menor nos próximos anos (INEP, 2016).

Nessa perspectiva, o intuito principal deste artigo é identificar as dificuldades das mulheres que optam pelos cursos de Engenharia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Além disso, ainda levantar uma discussão sobre o tema, averiguar o perfil das estudantes desses cursos e os fatores que influenciam a sua permanência, analisar suas vivências entre os grupos de Engenharia da UFPI e toda a comunidade acadêmica do Centro de Tecnologia (CT) da UFPI. Portanto, a relevância da pesquisa é notória, já que está relacionada diretamente à realidade profissional da mulher, expondo possíveis fatores discriminatórios que tentam justificar preconceitos de gênero.



REVISÃO DE LITERATURA

A análise de cursos de Engenharia, bem como as profissões que estão enquadradas nesse ramo, de modo geral, permite observar que a participação feminina ainda é inferior à participação masculina, o que remonta a uma longa digressão histórica e cultural acerca da construção das desigualdades de gênero percebidas desde muito cedo na história das civilizações humanas (LOCH; TORRES; COSTA, 2021).

Além dessa supervalorização do que é historicamente concebido como masculino, gênero e ciência não são elementos construídos de forma alheia à história e às visões de mundo dominante na sociedade em cada período, mas, pelo contrário, acompanham e se formam a partir dessas compreensões supracitadas. Ou seja, as imagens e ideais preconcebidos para o perfil dominante em cada uma das atividades profissionais e/ou acadêmicas possuem bastante peso sobre aqueles que irão ingressar nessas áreas, fato que não é determinado pela capacidade dos indivíduos em questão, mas pelas convenções sociais que impõem modelos de comportamento para cada grupo, categoria e, especialmente, para cada gênero (KLANOVICZ, 2011).

Nesse contexto, o próprio modelo de “cientista” e “produtor de conhecimento” apresentado pelo Iluminismo já apontava para a construção de uma realidade excludente, posto que essa imagem era basicamente masculina. A história da ciência é outro reflexo da disparidade existente entre mulheres e homens nas áreas de Ciência e Tecnologia. Infelizmente esse tipo de análise acerca da imposição de um estereótipo masculino para as áreas mencionadas não restou perdido no tempo, nem sequer é uma discussão datada, mas uma questão problemática que tem se perpetuado através dos séculos, muito embora, conforme será apresentado a seguir, tenha havido uma evolução e crescimento da participação da mulher em espaços anteriormente fechados ao público feminino (LOCH; TORRES; COSTA, 2021).

Ainda nesse debate do afastamento – historicamente observado – do feminino dos ambientes acadêmicos, constata-se que apesar de as universidades terem surgido no cenário mundial por volta do século XII, as mulheres apenas passaram a ter o direito de integrar esse ambiente a partir do final do século XIX e início do século XX (LOCH; TORRES; COSTA, 2021).

Embora o panorama de desigualdade de gênero na ciência esteja longe de ser o ideal, muito avanço foi feito no sentido de promover maior participação feminina na academia, o que não deve ser justificado como um fenômeno natural



ou espontâneo, mas creditado à luta das mulheres por direitos que permeiam desde o direito ao voto e ao trabalho até ao estudo e à formação acadêmica propriamente dita.

A inserção da mulher no mercado de trabalho – o que ocorre sobretudo no final do século XIX e início do século XX – é percebida como um fenômeno justificado mais pelas necessidades econômicas e pelas condições de expansão do próprio mercado mundial do que por uma efetiva evolução do contexto de igualdade de gênero. Se durante muito tempo a pauta era a integração feminina nos ambientes profissionais, o debate se deslocou, nas discussões mais recentes, para a maior participação da mulher não apenas no mercado de trabalho, como também no ambiente acadêmico, fazendo grandes contribuições científicas (BAHIA; LAUDARES, 2011).

Nessa mesma perspectiva se coloca a análise de quais espaços foram verdadeiramente ocupados pelas mulheres e qual o real nível de liberdade elas possuem nesses ambientes. No ramo das Engenharias, de uma maneira geral, a participação das mulheres tem sido percebida como relativamente inferior à dos homens, o que se deve em grande parte ao caráter masculino a partir do qual o curso foi pensado e construído (KLANOVICZ, 2011).

Para além da participação do público feminino enquanto discente de cursos de Engenharia, existe ainda um debate acerca da baixa quantidade de mulheres ocupando posições mais elevadas nesses ramos, posições de liderança em termos de coordenação de cursos entre outros. Também se constata que o número de mulheres pesquisadoras em categorias mais elevadas é inferior ao de homens.

Os dados do Diretório de Pesquisa do CNPq são ilustrativos desta problemática. Ao cruzar várias consultas relativas aos tipos de bolsa de pesquisa, que no Brasil são financiadas desde a graduação, a partir da modalidade de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), passando pelo mestrado, pelo doutorado, chegando às categorias de pesquisadores já instalados em universidades, classificados como Pesquisador I e II e SENIOR), pode-se constatar que há uma forte presença de jovens mulheres como pesquisadoras de PIBIC em todas as áreas de conhecimento, inclusive naquelas consideradas mais “masculinas”. Contudo, o seu número decresce gradativamente em todas as áreas, contando-se com menos de 10% de pesquisadoras sênior (KLANOVICZ, 2011).

O final do século XIX e início do século XX é especialmente importante para a análise da construção do estereótipo do profissional de Engenharia e também para a completa caracterização da área como própria ao gênero masculino, já que é nesse ínterim que ocorre maior ampliação das contribuições dos



engenheiros no Brasil (que, nesse período, passava por um amplo processo de urbanização, como a história nos confirma). É possível perceber que é nesse período que as Engenharias passam a se associar mais ao contexto civil e perder o caráter militarizado que possuía no cenário brasileiro até então (KLANOVICZ, 2011).

Precisamente por ter-se desenvolvido associado ao ambiente militar, a área já se constrói como algo maioritariamente masculino, como o cenário militar é visto até os dias atuais. Dessa forma, pode-se perceber que desde os tempos mais antigos o campo das Engenharias tem se apresentado como um espaço restrito, seja pela própria caracterização desse campo, a qual foi aludida acima, seja pela forma como o mesmo tem sido colocado até hoje, como um curso que prioriza características historicamente construídas como “masculinas”. Assim, segundo Patrícia Guevara (2008): “[...] um longo caminho de mecanismos patriarcais, culturais, políticos e econômicos e uma ideologia de gênero impregnada de imagens, mitos e metáforas que tem caracterizado o pensamento científico como objetivo e masculino mediatizam sua exclusão histórica.” (GUEVARA apud MIQUEO; BARRAL; MAGALLÓN, 2008, p. 399).

Se tais estereótipos e construções masculinas que permeiam essa parte da ciência forem colocados em exame acerca da relevância para o atual cenário de maior inclusão das mulheres nos ambientes acadêmicos e profissionais no ramo das Engenharias, logo percebe-se que tais compreensões impostas sobre o curso são responsáveis por desestimular as mulheres a ingressarem nessa formação acadêmica e também nessa área profissional, é o que destaca Klanovicz (2011) em trabalho acerca da baixa representatividade de mulheres em curso de Ciências Agrárias.

Corroborando a análise tecida anteriormente, é necessário ainda reiterar a construção e permanência dos papéis de gênero, que ditam e moldam os comportamentos dos indivíduos desde a infância (momento no qual geralmente a família repassa as informações responsáveis por fazer a manutenção dos comportamentos reconhecidos como “femininos” e “masculinos”) até a idade adulta, quando os indivíduos de fato incorporam essas noções apreendidas no período da infância, o que se revela especialmente prejudicial para a mulher, uma vez que é sobre a mulher que recai a dupla jornada ao assumir a responsabilidade adquirida enquanto profissional, à qual se adiciona as responsabilidades domésticas, que muitas vezes não são compartilhadas pelos homens.

Durante entrevistas realizadas, verificou-se o consenso de que, para um homem, há menos cobrança e disponibilidade de tempo, havendo mais dedicação a sua carreira. Segundo Zuleica Oliveira (2003), “enquanto que para o



homem é natural 'abdicar' da família para se dedicar à carreira, as mulheres têm que lidar todo o tempo com o conflito de ser mãe ou de ser profissional, buscando equilíbrio que é, muitas vezes, difícil de ser atingido" (OLIVEIRA apud LOCH; TORRES; COSTA, 2021, n.p.). Essa afirmação fica evidente em todos os relatos, indicando um panorama com poucas mudanças, mesmo depois de mais de 15 anos.

METODOLOGIA

Para contribuir com a discussão acerca do tema da presença feminina nos cursos de Engenharia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, foram solicitados dados quantitativos à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PREG/UFPI. pelo controle quantitativo de discentes matriculados, concluídos e cancelados, divididos por gênero (feminino/ masculino), entre os anos 2009 e 2021. Para a análise, esses dados foram tratados e foram realizados gráficos no R (linguagem de programação voltados para análise, manipulação e visualização de dados estatísticos) e, com isso, pôde ser feita a análise descritiva desses dados. Além disso, é necessário destacar que tais dados foram enviados sem identificação, são apenas quantitativos, não se obteve acesso aos dados pessoais dos estudantes.

Para análise do perfil e das expectativas com o curso, entre outros aspectos, foram utilizados questionários on-line que foram disponibilizados por meio do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) para todas os cursos de Engenharia da UFPI. No total, 27 alunas responderam ao questionário. Esses dados foram tratados e comparados com notícias e produções acadêmicas sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando a discussão sobre os resultados obtidos com a análise descritiva dos dados, tem-se que, ao longo dos anos, desde o início dos cursos de Engenharia na Universidade até o ano de 2021, é visível a diferença entre a quantidade de estudantes do sexo masculino e estudantes do sexo feminino dentro dos cursos de Engenharia do Centro de Tecnologia (CT) da UFPI. Pode-se, assim, ter um vislumbre do que é exposto na literatura, a participação das mulheres tem sido percebida como relativamente inferior à dos homens, como atesta a Tabela 1.



Tabela 1 – Percentual de mulheres matriculadas nos cursos de engenharia em 2020 e 2021

CURSO	PERCENTUAL DE MULHERES 2020	PERCENTUAL DE MULHERES 2021
Engenharia Civil	21,80%	22,75%
Engenharia de Agrimensura	29,17%	30,16%
Engenharia de Materiais	32,53%	34,45%
Engenharia de Produção	38,19%	36,79%
Engenharia Elétrica	18,20%	17,34%
Engenharia Mecânica	12,53%	14,63%

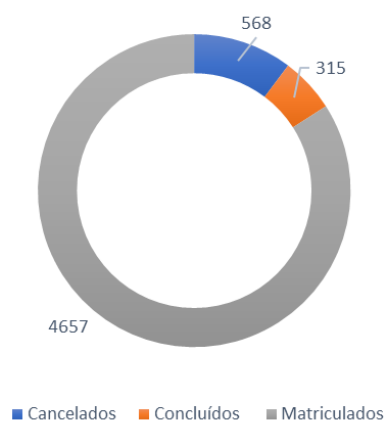
Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Nesse cenário, ainda analisando esses dados, é possível perceber que o mesmo acontece no ano anterior, corroborando ainda mais a disparidade da quantidade de mulheres e a quantidade de homens. É perceptível, também, que os cursos de Engenharia de Produção, de Materiais, Cartográfica e de Agrimensura são os únicos nos quais o percentual ultrapassa os 30% do total de alunas matriculadas, mostrando que esses cursos são os que mais possuem presença feminina mesmo que ainda não seja igualitária.

Comparando-se os dados da tabela, é perceptível que o percentual de mulheres matriculadas em tais cursos aumentou nesse período de um ano, mesmo que minimamente, salvo no caso do curso de Engenharia Elétrica, no qual esse percentual caiu 1% aproximadamente.

Além disso, para além da discussão acerca da diferença de gênero nos cursos de Engenharia da UFPI, ainda se percebe uma extrema desigualdade entre a quantidade de mulheres matriculadas e as que chegam a concluí-lo, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantidade de mulheres de acordo com a situação do curso



Fonte: elaborado pelos autores (2022).



Dessa forma, com a análise do Gráfico 1, pode-se ver que há uma dificuldade em concluir o curso, de modo que as alunas que chegam a concluir o curso não representam nem 10% do total de alunas que se matricularam nos cursos de Engenharia. A Tabela 2 mostra o percentual de alunos concluintes por gênero dos cursos de Engenharia da UFPI.

Tabela 2 – Percentual de concluintes homens e mulheres dos cursos de Engenharia

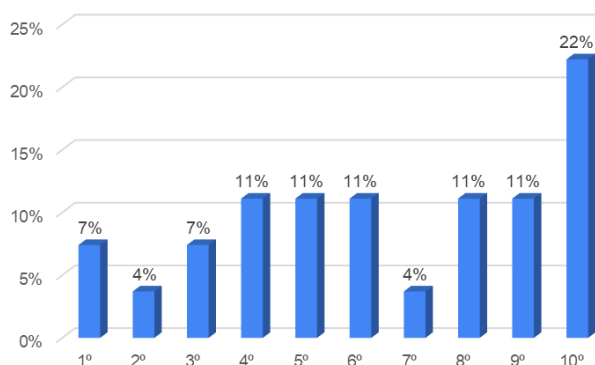
CURSO	Concluintes Homens	Concluintes Mulheres
Engenharia Civil	86,2%	13,8%
Engenharia de Agrimensura	74,4%	26,6%
Engenharia de Materiais	60%	40%
Engenharia de Produção	50%	50%
Engenharia Elétrica	84%	16,0%
Engenharia Mecânica	88,9%	11,1%

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Dando seguimento às observações, pode-se visualizar na Tabela 2 os alunos que concluíram os cursos de Engenharia de Produção e Engenharia de Materiais, divididos por gênero. Comparando esses dois dados, é nítido que a presença feminina nesses cursos é maior do que a presença feminina nos cursos de Engenharia Civil e Engenharia Mecânica.

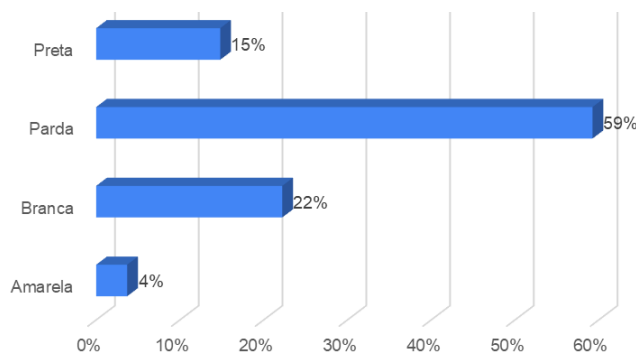
Portanto, com a observação desses dados, percebe-se que há uma diferença nesses cursos no que diz respeito à percentual de mulheres que concluem o curso de Engenharia e que a presença de mulheres é maior em alguns cursos, como o de Engenharia de Materiais, Engenharia de Produção, e de Agrimensura, mesmo que ainda seja pequena.

No âmbito da caracterização da amostra, segundo as respostas obtidas no questionário, destaca-se que as discentes submetidas às questões têm entre 20 e 43 anos, de modo que 43% delas cursam Engenharia de Produção, 30% Engenharia Mecânica, 17% Engenharia Elétrica e 9% Engenharia de Materiais. Ressalta-se que, quanto aos períodos cursados, o Gráfico 2 apresenta o percentual de mulheres do 1º ao 10º período.

**Gráfico 2 – Percentual de alunas por período**

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Conforme o Gráfico 2, 40% das estudantes declaram cursar, atualmente, do 1º ao 5º período e 59% do 6º ao 10º. Portanto, os dados mostram variedade na distribuição de mulheres por período nos cursos de Engenharia. Em relação à raça/cor, o Gráfico 3 demonstra o percentual de discentes autodeclaradas brancas, amarelas, pardas e pretas.

Gráfico 3 – Cor/raça das alunas entrevistadas

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

De acordo com o Gráfico 3, 59% das entrevistadas se autodeclararam pardas e apenas 4% amarelas. Desse modo, a maior parte das mulheres são pardas. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pardos são considerados mestiços devido à variedade de etnias. Ademais, de acordo com o censo de 2014, realizado pelo instituto, 45% dos brasileiros se autodeclararam pardos. Portanto, verifica-se que os resultados obtidos estão alinhados aos dados gerais da população brasileira.

Desse modo, segundo o jornal *El País* (2018), em 2019, pretos e pardos eram a maioria nas universidades públicas do Brasil. As políticas públicas voltadas para a



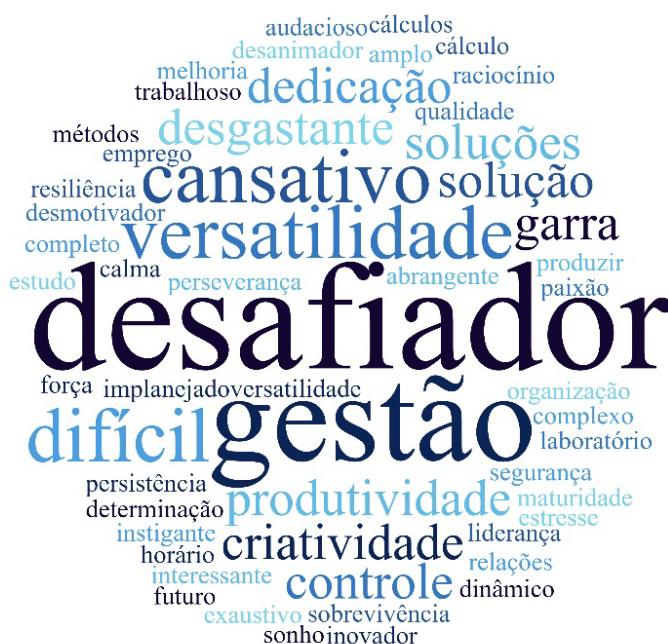
inserção da população preta e parda nas redes de ensino podem justificar parte do crescimento.

Sobre a forma de ingresso no ensino superior, 41% das entrevistadas fizeram uso de ações afirmativas e 59% adentraram por meio da ampla concorrência. Em consonância a isso, é importante investigar a existência de apoio familiar para a escolha do curso das alunas. Dessa forma, 4% não possuíram apoio, 37% parcialmente e 59% obtiveram apoio familiar.

Conforme observado, o percentual de apenas 4% na falta de apoio familiar demonstra que, a princípio, as famílias das entrevistadas aceitam e apoiam a escolha por um curso de Engenharia. Nesse sentido, Scantamburlo (2011) demonstrou, por meio de pesquisa em uma Instituição de Ensino Superior, que o apoio familiar, principalmente no aspecto financeiro, é essencial para a continuidade dos estudantes no curso devido à alta carga horária que, muitas vezes, impede e/ou atrapalha a realização de atividades remuneradas.

No que tange ao motivo de interesse no curso, as respostas se direcionam na capacidade de resolução de problemas que as engenharias possuem, múltiplas possibilidades de empregos e afinidade com área de exatas. De encontro a isso, as alunas foram questionadas a descrever seus respectivos cursos em três palavras. Assim, a Figura 1 mostra quais são as palavras mais citadas.

Figura 1 – Palavras mais citadas nas definições dos cursos



Fonte: elaborada pelos autores (2022).



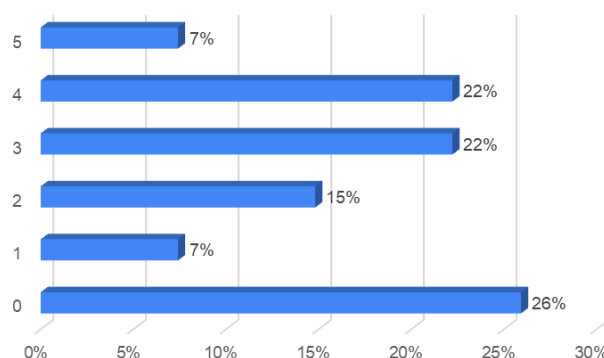
Percebe-se, portanto, que os desafios são os pontos altos dos cursos de Engenharia de acordo com as estudantes entrevistadas. Além disso, o aspecto gerencial dos cursos foi bastante presente. No entanto, as dificuldades também foram destacadas nos pontos cansativo, difícil, desgastante entre outros.

No tocante à quantidade de homens e mulheres nos cursos de Engenharia, 74,1% das discentes declaram existir discrepância entre o número de ambos os gêneros e 25,9% negam a existência de desproporcionalidade. Desse modo, é possível afirmar que os cursos de Engenharia da UFPI são ocupados, predominantemente, por homens.

De acordo com o G1 (2021), as mulheres representavam cerca de 19% dos profissionais ativos no sistema do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA) no ano de 2021. Dessa forma, constata-se que a diferença elevada entre a quantidade de homens e mulheres na Engenharia se expande para além da instituição.

Sobre vivenciar situações desconfortáveis no ambiente acadêmico em função do gênero, o Gráfico 4 representa o percentual de mulheres que estiveram expostas a circunstâncias constrangedoras na universidade.

Gráfico 4 – Percentual de mulheres que vivenciaram situações desconfortáveis no ambiente acadêmico em função do gênero



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Conforme o Gráfico 4, 26% das discentes afirmam não ter vivenciado situações desconfortáveis no ambiente acadêmico e 73% declaram ter experienciado momentos constrangedores.

Nesse aspecto, indagadas sobre as dificuldades sofridas no ambiente acadêmico em função do gênero, 66,67% das discentes afirmam que o assédio, a descredibilidade, a intimidação e a inferiorização estão entre as maiores dificuldades vivenciadas, e 33,33% declaram que as dificuldades enfrentadas não



possuem relação com o gênero. Dessa forma, constata-se que o ambiente dos cursos de Engenharia pode se mostrar hostil para a figura feminina.

As expectativas iniciais das alunas em relação ao curso também foram analisadas. As expectativas estão concentradas em: conseguir se inserir no mercado de trabalho, ter uma boa e ampla formação, ter as mesmas oportunidades que os alunos homens, aprender a parte técnica do curso e conseguir conciliar o curso com outras atividades.

Nessa perspectiva, as alunas foram questionadas no cumprimento das expectativas após adentrarem no curso. Logo, 22% apontaram que as expectativas não foram cumpridas, 59% parcialmente e para 19% as expectativas iniciais foram cumpridas.

Nesse sentido, sobre a possibilidade de desistir do curso, 33% apontaram que nunca pensaram na possibilidade, enquanto 67% afirmaram que já pensaram. Esse fato está ligado diretamente à quebra de expectativas das alunas com o curso. Sobre o tema de permanência na educação superior, Nunes e Veloso (2016) investigam que o principal desafio para permanência dos estudantes na educação superior está nos fatores econômicos. No entanto, quando se trata da situação específica das mulheres na Engenharia, destaca-se o encontro de um ambiente tipicamente masculino e que ainda tem dificuldades para a inserção de mulheres em seu meio.

CONCLUSÃO

Por meio da literatura e análise do questionário aplicado, verifica-se que o tema abordado traz à tona questões que perpassam o estudo somente da disparidade entre a presença de discentes do gênero masculino e feminino nos cursos de Engenharia da UFPI, evidenciando o cenário de discriminação vivenciado por mulheres na instituição.

Desse modo, cabe destacar que o parecer de que a Engenharia se limita ao público masculino é reflexo de uma construção histórico-social pautada na imposição ou limitação de atividades desempenhadas por mulheres ao longo dos séculos e que, portanto, é passível de superação com a crescente participação de mulheres nos cursos de Engenharia e no mercado de trabalho.

Nesse contexto, percebe-se a existência de uma desigualdade calcada na diferença de gênero, visto que o número de mulheres matriculadas é, significativamente, menor do que o número de homens matriculados. Ressalta-se



que, embora existam políticas voltadas para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o número de mulheres na Engenharia é inferior à quantidade necessária para se alcançar dados mais igualitários.

Para além disso, outra problemática percebida é a baixa quantidade de mulheres que conseguem concluir a graduação. Dessa forma, para sanar as inúmeras problemáticas oriundas da desigualdade de gênero, é necessário despertar o interesse para promover a discussão da participação feminina em ambientes acadêmicos ocupados, majoritariamente, por homens com o intuito de contribuir para uma sociedade em que o gênero não possa ser fator de desigualdade em nenhuma esfera da vida.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, M. M. **Mulheres em áreas específicas da Engenharia: fatores de influência em suas opções profissionais**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- CNMP. Conselho Nacional do Ministério Público. **Violência contra a mulher: um olhar do Ministério Público Brasileiro**. Conselho Nacional do Ministério Público – Brasília: CNMP, 2018.
- CORREIA, J. M.; LOBATO, E. P. S. A presença feminina nos cursos de engenharia: um estudo quantitativo e qualitativo. Engenharia de Produção: alicerce da competitividade – Volume III. Piracajuba-GO: Conhecimento Livre, 2021.
- INEP/MEC. **Dados sobre o censo da educação superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep)**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- KLANOVICZ, L. R. F. História, gênero e ciência: mulheres engenheiras no sul do Brasil. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, v. 16, p. 105-122, 2011.
- KLANOVICZ, L. R. F.; OLIVEIRA, V. A. M. Permanecer ou desistir? Mulheres na graduação em Engenharia e Tecnologias na UTFPR/Guarapuava, Brasil. **Avaliação**, Campina; Sorocaba, SP, v. 26, n. 01, p. 137-156, mar. 2021.
- LOCH, R. M. B.; TORRES, K. B. V; COSTA, C. R. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, e61470, 2021.
- MAIS brasileiros se declaram negros e pardos e reduzem número de brancos. **El País**. 2015. Disponível em: https://www.google.com/amp/s/brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html%3foutputType=amp. Acesso em: 10 de jul. 2022.
- MIRAGLIA, L. M. M.; TEODORO, M. C. M.; SOARES, M. C. P. (Orgs.). **Feminismo, trabalho e literatura: reflexões sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea**. In: Livia Mendes Moreira



Miraglia; Maria Cecília Máximo Teodoro; Maria Clara Persilva Soares (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

MULHERES conquistam cada vez mais seu espaço na Engenharia. **G1**. 2021. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/es/espírito-santo/especial-publicitario/arcelormittal/elasnaengenharia/noticia/2021/05/19/mulheres-conquistam-cada-vez-mais-seu-espaco-na-engenharia.ghtml>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

NEGROS são maioria nas universidades públicas do Brasil pela primeira vez. **El País**. 2019. Disponível em: https://www.google.com/amp/s/brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html%3foutputType=amp. Acesso em: 10 de jul. 2022.

REIS, R. S. N.; Veloso, T. C. M. A. A permanência na educação superior: múltiplos olhares. **Educação E Fronteiras**, v. 6, n. 16, p. 48–63, 2016.

SCANTAMBURLO, R. **As influências da realização do curso superior de tecnologia em gestão de recursos humanos a distância na situação profissional e familiar de alunos egressos do polo de apoio presencial da cidade de Mauá da UMESP**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de organizações) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.